



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse da nova Executiva Nacional do PSB**

Hotel Nacional - Brasília - DF, 07 de dezembro de 2005

O Eduardo Campos não é tão alto, mas ele levanta o microfone como se fosse, então, cria embaraço para quem vem depois.

Se eu ler toda a minha nominata aqui, quando eu terminar o pessoal já estará cansado mas, de qualquer forma, eu quero cumprimentar o meu companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Quero cumprimentar o meu companheiro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Quero cumprimentar o meu companheiro Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional,

Quero cumprimentar o meu companheiro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte, que está de parabéns porque hoje foi aprovado na Câmara o seu Projeto de Lei da Time Mania, que vai resolver os problemas ou, pelo menos, ajudar a resolver os problemas dos times que precisam sobreviver,

Meu querido Walfrido dos Mares Guia, ministro do Turismo, que está eufórico hoje porque cada vez que ele me encontra, fala que nós batemos um recorde no turismo,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, ministro da Coordenação Política do nosso governo, que tem cara de carioca mas é baiano, para todo mundo saber,

Meu querido Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Meu querido companheiro Eduardo Campos, presidente do PSB,

Meu querido companheiro Roberto Amaral,

Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,



Nossa querida governadora Wilma de Faria, governadora do Rio Grande do Norte,

Meu caro José Reinaldo Tavares, governador do Maranhão,

Nossa querida senadora Patrícia Gomes,

Senadores Antonio Carlos Valadares, Cristovam Buarque, o Suplicy já se foi, pelo que eu fui informado, não está aí,

Deputados Alexandre Cardoso, Beto Albuquerque, Eunício Oliveira, Francisco Olímpio, Gonzaga Patriota, Isaías Silvestre, Jorge Gomes, José Múcio, alguns já foram embora mas se eu não citar eles ficam sabendo, então é melhor citar,

Jurandir Góia, Luciano Leitoa, Renato Casagrande, Ricardo Berzoini,

Senhores prefeitos, Ricardo Coutinho, de João Pessoa; Serafim Correia, de Manaus; Saudade Braga, de Nova Friburgo,

Meu querido companheiro Renato Rebelo, presidente do PC do B,

Senhor Carlos Siqueira,

Senhor... o Suassuna já foi embora,

Queridos companheiros e companheiras do PSB,

Queridos e companheiras, eu não vou dizer da família Arraes, porque a esposa do Eduardo senta ali e fica fiscalizando cada gesto dele, então eu vou me conter nos elogios à dinastia Arraes.

Bem, meus companheiros, vocês sabem que falar como presidente da República é diferente de falar como presidente do PT ou militante político, porque as palavras são carregadas de maior responsabilidade e de maior atenção.

Eu nunca tinha vindo num encontro do PSB porque, na verdade, eu fui a alguns encontros, eu fui num encontro em que o PSB decidiu me apoiar em 1989, depois eu não pude ir ao outro encontro porque o PSB tinha candidatura própria. Depois, eu fui convidado e cá estou participando deste encontro.



Não poderia deixar de ser diferente. Embora eu não conheça todas as pessoas do PSB, a verdade é que ao longo da minha história política, não apenas enquanto petista ou enquanto presidente da República, mas enquanto militante político, não foram poucos os momentos, não são poucos os anos e não são poucos os lugares do país em que já nos encontramos em algum momento, fazendo alguma coisa juntos. Portanto, é uma relação muito forte, a minha pessoal com o PSB, como a do PT, embora tenha divergências em outros lugares, com os companheiros do PCdoB. Portanto, aqui eu estou como se estivesse na minha casa, como se estivesse em uma reunião de irmãos e companheiros. Não faço diferença em estar em uma reunião aqui ou em uma reunião do PCdoB, do PT e de outros partidos aliados que têm, junto conosco, construído o que nós conquistamos até agora.

Quando o companheiro Ricardo Berzoini assumiu a direção do PT, eu disse a ele que queria fazer uma reunião com a Executiva do partido, e não fiz ainda porque não teve agenda – estou viajando amanhã para o Uruguai, para a reunião do Mercosul – mas, na próxima semana, quero ver se faço. E quero já dizer ao Eduardo que eu quero fazer uma reunião com a Executiva do PSB, depois quero fazer uma reunião com a Executiva do PCdoB, e depois, quem sabe, com a Executiva dos outros partidos políticos para discutir alguns assuntos pertinentes ao futuro do que nós queremos construir.

Quero dizer para vocês algumas coisas que eu considero importantes. Aliás, hoje eu dei uma entrevista em cadeia nacional, pela rádio CBN, pela Bandeirantes e pela rádio Jovem Pan, em que eu dizia que o instituto da reeleição não é minha paixão. E eu dizia, claramente, que para alguém ser candidato a reeleição existem tantas condicionantes que é preciso contar até dez, depois repetir outra vez até dez e depois contar mais dez, até que se decida claramente a viabilidade, as possibilidades, as conclusões, o que você pretende. Não é um automaticismo que você aperta como se apertasse uma máquina de jogar qualquer coisa em um bingo e desse o resultado final. Não é



assim, minha cabeça não funciona assim, e por isso eu tenho dito aos meus companheiros do PT que a verticalização não é minha paixão. A verticalização – Eduardo Campos, companheiros do PCdoB, do PT, do PDT – não é minha paixão.

Eu acho que um casamento tem que ser por amor, um casamento não pode ser obrigatório, as pessoas se casam quando querem se casar. E eu disse isso quando fiz aliança com o PMDB, o Ciro sabe disso, o Eduardo Campos sabe disso, o PT sabe disso, quando eu fiz aliança com o PMDB, e convidei o PMDB para vir ao Ministério, eu disse a todos do PMDB, ao presidente do Senado, ao presidente José Sarney, na época, ao ministro Eunício, o seguinte: “olha, eu não quero que vocês tenham compromisso de me apoiar nas próximas eleições. Não quero. Por conta da obrigação de uma lei, eu não quero. Vocês terão que apoiar, primeiro, se eu for candidato; segundo, se eleitoralmente for interessante”.

A história mostra que nem sempre você consegue um apoio por conta da verticalização e nem sempre você consegue ganhar uma eleição porque você tem muito tempo na televisão. Se você tiver muito tempo na televisão e não tiver muito o que falar e, mesmo que tenha, o povo não aguenta a cara de um candidato falando muito tempo. Eu acho que nós temos que pensar isso com carinho. Eu acho prudente, companheiro Ricardo Berzoini – eu sei da tomada de decisão da maioria da bancada do PT – eu acho prudente que você, como presidente do PT, o nosso Eduardo Campos, como presidente do PSB, acho que os companheiros do PCdoB devem fazer uma conversa para saber claramente o resultado final disso, se a gente ganha ou se a gente perde porque, muitas vezes, pensamos que estamos ganhando e não estamos ganhando.

Então, é uma coisa extremamente importante porque nós já estamos no governo há três anos, nós já governamos prefeituras importantes, nós já governamos estados importantes, os dois partidos governam estados



importantes para o país, e nós sabemos claramente que o jogo de poder é mais difícil do que um discurso fácil, nós sabemos que todos nós gostaríamos de acreditar que é com o apoio do povo que a gente faz tudo o que tem que fazer. Mas, sem o apoio do Congresso Nacional, da Assembléia Legislativa ou da Câmara de Vereadores, fica muito mais difícil governar.

E a sabedoria que nós temos, de medir a correlação de forças estabelecida no Congresso Nacional, é condição básica para que nós, militantes, saibamos o que está acontecendo no Brasil. É condição básica, é importante que a gente tenha noção da correlação de forças, do jogo de poder que está estabelecido para que a gente possa tomar as decisões, daqui para a frente, mais acertadas do que as que nós tomamos no passado ou das que estamos pensando em tomar hoje. Não custa nada fazermos todas as reflexões que nós temos que fazer para que a gente tome as nossas decisões.

É normal a disputa política, o debate político, é normal que todo mundo queira ter candidato. Nós estamos cheios de aprendizados e de ensinamentos para a gente tirar as nossas conclusões e decidir, em algum momento, conjuntamente, o que fazer neste país.

Da minha parte, eu quero que vocês, do PSB, saibam que qualquer que seja a minha decisão ou qualquer que seja o momento em que eu for discutir isso, eu quero que vocês saibam que vocês serão, através da Direção de vocês, parte integrante no processo de decisão, até porque eu não acredito que a gente construa o que precisa ser construído no país com um partido, ou com dois partidos ou com três partidos, porque não depende apenas de partido, depende de uma combinação de fatores que têm implicações muito grandes na sociedade.

E aí, outra vez o PSB pode nos trazer ensinamentos porque eu sei que, muitas vezes, algumas pessoas, mesmo dentro do PSB, me faziam críticas das alianças que o dr. Arraes fez, algumas vezes, para ganhar as eleições, e foi aquela correlação, aquela relação e aquela aliança que permitiram que ele



ganhasse e que pudesse governar o estado de Pernambuco. Se nós tivermos essa clareza, tudo vai ficar mais fácil, se tivermos clareza da correlação de forças, clareza do tempo em que as coisas têm que acontecer para que a gente possa definir os passos seguintes.

Uma outra coisa que eu queria dizer para vocês é que a minha relação com o PSB... Eu vi aqui o Roberto Amaral falando do Antônio Houaiss. Ele foi... era para ser meu candidato a vice em 1989, depois foi o companheiro Bisol. Eu me lembro do comportamento do dr. Arraes. Eu me lembro que a primeira vez em que eu fui conversar para pedir apoio ao dr. Arraes, ele me dizia o seguinte: “a gente começa com muita justificativa, às vezes a gente pensa que as pessoas não estão compreendendo e começa com um monte de lero lero. O dr. Arraes falou para mim: “ô Lula, não precisa gastar argumento comigo. Eu sei o lado em que eu estou, sei o que eu vou fazer, fique tranqüilo, vamos fazer uma agenda e começar essa campanha, que é o que a gente precisa fazer”. E sempre foi assim a minha relação com ele – o Eduardo Campos sabe, outros companheiros sabem – de muita lealdade, de muito companheirismo. Ele fazia questão que eu não o tratasse como senhor. Eu, da mesma forma, nunca admiti que, quando Presidente, ele me tratasse com deferência, de Excelência ou outra coisa. Companheiro é companheiro para toda a vida, não precisa mudar em função do cargo em que você está sobrevivendo.

Eu me lembro que a última conversa que tivemos com o dr. Arraes foi sobre a questão do desenvolvimento do Nordeste brasileiro. E ele, inquieto, muito inquieto, e eu dizia: dr. Arraes, o senhor vai viver para ver o que vai acontecer no Nordeste, não são poucas as coisas que nós estamos pensando para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro. Se levarmos em conta o que vai significar o Programa de Biodiesel, sobretudo, para a região do semi-árido nordestino, eu dizia para ele: se levar em conta o que vai ser a refinaria que vai ser construída no estado de Pernambuco e no Nordeste brasileiro, e levar em conta por uma coisa, porque se dependesse apenas do instinto de ganho de



dinheiro da Petrobras, ela não teria interesse em fazer. É que, para nós, era interessante uma refinaria no Nordeste para que o Nordeste tivesse a mesma chance que já tiveram outros estados do Sul do país. Eu dizia para ele: a sonhada ferrovia Transnordestina, que agora está consagrada com o trabalho muito inteligente e muito hábil de vários companheiros do governo, coordenado pelo Ciro Gomes, um é a engenharia financeira, econômica, e se Deus quiser, logo, logo estaremos dando o pontapé inicial lá. O Ciro carrega o trilho, eu bato palmas para ele e nós vamos começar a fazer aquela ferrovia de 1.800 quilômetros de extensão, ligando o porto de Pecém ao porto de Suape, e o porto de Suape ao porto de Pecém, passando por Eliseu Martins, no estado do Piauí, para trazer a carga da produção daquela região e logo, logo vai ter interligação com outros estados para a gente transformar o Nordeste brasileiro numa coisa que possa garantir que o Nordeste brasileiro tenha perspectivas de sonhar e se desenvolver como outras regiões do país se desenvolveram.

E o canal do São Francisco, que deve ter divergência aqui neste Plenário. Mas a verdade é que o canal do São Francisco, que nós sofisticadamente mudamos de nome e colocamos revitalização, é um dos projetos mais bem elaborados que alguém poderia elaborar. É um projeto que vem sendo aperfeiçoado desde 1846, quando D. Pedro pensou em fazer. Bem, ele foi trabalhado no meu governo, primeiro, pelo vice-presidente José Alencar, que andou por este país, conversou com governadores, prefeitos e construiu uma parte. Depois que o José Alencar me entregou o primeiro grande esboço do projeto, eu passei à mão do ministro Ciro Gomes, para que ele desse a burilada final, os contatos finais e fizesse os debates.

Nós estamos dispostos ao debate, ou seja, o Ciro e a sua equipe estão dispostos a viajar o Brasil inteiro, debater com os que são contra, com os que não são contra, com os que estão a favor, porque o projeto não é para o presidente da República. Eu moro em São Bernardo do Campo, portanto, esse



projeto não vai me beneficiar diretamente, nem eu estou no semi-árido, nem eu estou no estado de Pernambuco, eu estou em São Bernardo do Campo.

Agora, a verdade é que tem 12 milhões de brasileiros que precisam de um gesto e não podem ficar dependendo de caminhão-pipa, não podem ficar dependendo de alguma coisa, alguém precisa fazer alguma coisa. Eu acho o projeto tão importante para lugares mais pobres do país que se eu pudesse, ia propor ao Ciro e a outros ministros do governo, a gente ficar com um balde tirando água de outro lugar e jogando no rio São Francisco para repor aquilo que nós estamos utilizando, para as pessoas beberem água.

Mas o projeto é de uma densidade extraordinária. Primeiro, porque vai manter grande parte dos açudes do Nordeste, da região perene; segundo, porque vai tirar apenas 1% da água; terceiro, porque a gente desapropriou dois quilômetros e meio de cada margem do canal para ver se a gente consegue construir um programa de desenvolvimento para a região; quarto, porque nós estamos fazendo o que alguns... tem gente que defende, com muita seriedade e com muita propriedade, que são contra. Esses nós respeitamos mas, outros, é por interesse político, porque o dado concreto é que, se tivessem tido a preocupação com o São Francisco que nós, que queremos tirar 1% da água, estamos tendo; se tivessem tido a preocupação há 30, 10, 15 ou 50 anos, não tinham permitido transformar todo o cerrado em carvão, não tinham permitido que todas as cidades jogassem esgoto diretamente no rio. Nós poderíamos estar com o rio tranquilo, não tinha rio poluindo, não tinha nenhuma cidade jogando esgoto. Não fizeram isso. E a nossa proposta – inclusive com um projeto do senador Valadares no Senado, com a PEC – que é construir um Fundo que garanta uma política de revitalização do rio pelos próximos 20 anos, para garantir que sobreviva, recuperando tudo aquilo que foi deteriorado.

Lamentavelmente, o dr. Arraes morreu antes de a gente poder viver esse momento e poder concretizar, porque no próximo dia 16 de dezembro eu vou a Pernambuco, com o presidente Chávez, fazer o lançamento da pedra



fundamental da refinaria. E como eu sei que ele foi uma pessoa que sonhou com isso a vida inteira, seria muito importante que pudesse estar presente. Nós vamos lançar a ferrovia, nós vamos lançar o Pólo Siderúrgico de Fortaleza.

Mas eu acho que, de tudo isso, o que ele estaria mais apaixonado é com o sucesso do Programa de Biodiesel. Eu acho que muita gente não conhece ainda o que pode representar o biodiesel para o Brasil como independência, uma nova matriz energética, renovável, menos poluente, geradora de empregos. Eu fui a Floriano, no Piauí, fazer a inauguração de uma planta que gera 40 empregos na fábrica, de transesterificação – você viu que a palavra agora saiu fácil, porque esta palavra era difícil de falar, transesterificação – e, para cada trabalhador que trabalha na fábrica, é preciso 1.000 trabalhadores no campo. E nós criamos uma lei especial para dar incentivo para o dono da empresa que contrate o trabalho da agricultura familiar, para que a gente possa garantir que ele seja o grande produtor.

De vez em quando, a gente tem umas dúvidas da Petrobras, porque o que não for petróleo, ela acha que não é tão importante, e nós temos que estar ali, sempre pressionando, para mostrar o que pode representar para o mundo essa nova matriz energética chamada biodiesel, que o Brasil tem condições de produzir como nenhum outro país do mundo tem, a preços mais competitivos que qualquer país do mundo e que poderá render ao Brasil... eu estou dando, no máximo, 15 anos para que a gente possa, definitivamente, garantir que o Nordeste brasileiro dê um salto de qualidade de forma positiva, como fizemos com a região Norte do país. Vocês estão lembrados de que nossa primeira atitude foi prorrogar a Zona Franca de Manaus, de 2013 para 2023 porque, muitas vezes, se dependesse apenas dos visionários da economia do Sul, não existiria a Zona Franca de Manaus. E eu digo sempre, só é contra quem não conhece. Quando tomamos posse, estava com menos de 50 mil trabalhadores e, hoje, superamos os 100 mil trabalhadores na Zona Franca de Manaus, em



um crescimento espetacular, maior do que qualquer crescimento da economia brasileira.

Bem, na hora em que nós garantimos que as duas regiões que estavam mais atrasadas do ponto de vista dos investimentos para o desenvolvimento, começam a se desenvolver, nós estaremos criando as condições para que o Brasil cresça de forma mais uniforme, que o Brasil cresça de forma mais justa, que o Brasil possa não ter uma região vivendo a quarta revolução industrial e, a outra, não vivendo sequer a primeira revolução industrial, onde as pessoas ainda trocam o valor do seu trabalho por um pouco de carne seca, um pouco de sal, e um pouco de gasolina, ou óleo diesel, ou querosene. Isso não é feito de uma hora para outra, não é feito com discurso. É feito com anos de trabalho, com políticas consistentes para que possamos dar esse avanço, e muitas vezes, quando fazemos, nem sempre somos compreendidos.

Eu me lembro que eu fui dar o pontapé inicial na obra na rodovia Transoceânica, ligando Assis Brasil, no Acre, ao porto de Ilo, no Peru, e qual não foi a minha surpresa quando eu li uma matéria, aqui no Brasil, dizendo: “o presidente Lula está fazendo uma grande estrada, mas é no Peru”, como se nós estivéssemos pegando o nosso dinheiro e gastando no Peru, ao invés de gastar no Brasil. O que nós estamos fazendo é um processo de exportação de serviços, é exportação da nossa engenharia e fazendo um sonho que os mais velhos que lutaram neste país sabem, que é a ligação e a integração da América do Sul e a nossa chegada ao Pacífico.

Hoje, se vocês perguntassem para mim desses três anos, eu poderia dizer para vocês: eu acho que tem duas coisas ou três coisas que me dão prazer. A primeira, é que nós tiramos o processo de integração da América do Sul do discurso fácil, porque as palavras “integração da América Latina” soavam como se você estivesse comento quiabo e a verdade é que nós, a partir das primeiras reuniões que tivemos, resolvemos transformar a política de integração teórica numa política de integração prática, fazendo com que o



Brasil cumpra o papel de maior economia da América do Sul e, portanto, tem mais responsabilidade. Fazer essa integração sem ter e sem querer hegemonia nessa relação é um desafio que precisa muita humildade na relação com as pessoas.

Hoje, o Brasil está financiando pelo menos um projeto de integração em cada país da América do Sul, pelo menos um projeto de integração em cada país da América do Sul. Acabei de mandar o ministro de Minas e Energia, junto com o ministro da Planificação da Argentina ir à Venezuela conversar com o Chávez e com a PDVSA, para a gente fazer um gasoduto ligando a Venezuela, passando pelo Brasil e chegando à Argentina, para que a gente possa resolver o problema de gás de alguns países da América do Sul, inclusive do próprio Brasil. E, se não entram a Petrobras e a PDVSA, o Estado não tem dinheiro para fazer, portanto, nós vamos ter que utilizar essas empresas sagradas que o povo brasileiro construiu para que a gente faça isso.

Hoje, essa relação está consolidada. Temos alguns problemas mas são menores, e tem uma coisa importante: vocês estão lembrados de que, quando nós tomamos posse, a discussão era que o Mercosul iria acabar. Não só o Mercosul não acabou, como hoje, depois de amanhã, a Venezuela entra no Mercosul definitivamente. O México está discutindo a sua entrada no Mercosul e outros países da América do Sul, certamente, entrarão no Mercosul porque as pessoas estão percebendo que juntos nós poderemos fazer muito mais coisas nas nossas relações internacionais, na OMC, na ONU e em tantos outros lugares que nós temos que ir.

Além de tudo isso, meus companheiros, é preciso mirar com bastante paciência o que aconteceu na América do Sul depois da nossa vitória no Brasil. É preciso mirar o que aconteceu na América do Sul. A quantidade de governos que foram eleitos... não é pouca coisa a eleição do Kirchner na Argentina, não é pouca coisa a eleição do Tabaré no Uruguai, não é pouca coisa a eleição do Nicanor no Paraguai, não é pouca coisa a eleição do próprio Toledo – agora vai



ter eleição – do Equador, que foi o Gutierrez mas que, por problemas, caiu, ou seja, nós tivemos um avanço na América do Sul como há muitos e muitos anos, ou há décadas e décadas não tínhamos. Agora, é preciso criar e cuidar para que a gente dê sustentabilidade, para que esse processo só tenda a melhorar e que não sofra nenhum retrocesso.

Aqui no Brasil, muitas vezes, eu sou criticado por causa da minha relação com o presidente Chávez. Eu quero dizer para vocês que tenho uma relação muito importante com o Chávez, mas muito mais importante é a relação de Estado que o Brasil tem que ter com a Venezuela, porque é um país que tem um potencial de relação com o Brasil extraordinário, e nós não queremos que a Venezuela deixe de ser um país soberano para ser, como foi durante muito tempo, um país dependente apenas de um outro país.

Para nós, a pluralidade nas relações internacionais é o que vai garantir que a gente possa construir uma relação internacional que está dando ao Brasil a força que o Brasil tem hoje nas suas relações. É só viajar que vocês vão perceber qual é a força que o Brasil tem nos foros internacionais hoje. E isso, construído com muita coisa. Essa é a primeira alegria.

A segunda alegria minha são os dados divulgados pelo IBGE sobre a PNAD. Eu acho, Eduardo, que seria extremamente sagrado – e cabe a nós, governo, fazermos isso para contribuir – que os militantes tivessem acesso aos dados da PNAD, porque quando você chega à Presidência da República você é obrigado, pela circunstância do cargo, a acumular mais paciência, mais tolerância. E, nesses três anos, eu tenho ouvido muita coisa importante, críticas, tenho ouvido coisas a favor e tenho ouvido muita gente dizer que os pobres estão mais pobres, que estão largados, e eu vejo, de vez em quando, discursos. E, graças a Deus, saiu a pesquisa da PNAD que eu estava esperando desde junho para mostrar que, em nenhum momento da história do país – salvo entre fevereiro e julho de 1986, com a entrada do Plano Cruzado – em nenhum momento os pobres tiveram a participação na renda que estão



tendo hoje, e três milhões de pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza, saíram da linha da pobreza. Esse é o mérito que me deixou feliz, porque havia uma angústia se as políticas sociais estavam fazendo efeito, e vocês sabem que política social neste país era apenas condimento, não era a comida principal.

O Ministério do Desenvolvimento Social, este ano, tem 17 bilhões e, no ano que vem, terá 22 bilhões para fazer política social neste país. Quem é do campo sabe o que significam os investimentos que fizemos na agricultura familiar, quando os nossos queridos Norte e Nordeste não recebiam, praticamente, contratos, porque o dinheiro estava disponibilizado e as pessoas não sabiam como pegar, ou o banco não sabia como emprestar.

Hoje, só no Nordeste brasileiro, nós estamos investindo em financiamento, na safra que terminou em julho, mais de um bilhão e 200 milhões de reais. O Ciro Gomes, quando entrou no Ministério da Integração, o dinheiro dos fundos constitucionais do Nordeste tinham aplicado, naquele ano, 200 milhões de reais. Este ano, já aplicou quatro bilhões de reais. E isso, em algum momento, vai aparecer como desenvolvimento. Isso, em algum momento, vai gerar... é como o dinheiro para saneamento básico. Nós, em dois anos, colocamos mais dinheiro para saneamento básico, 14 vezes mais do que o governo passado. Agora, isso começa a gerar empregos com o tempo, porque até liberar o dinheiro, até a prefeitura fazer licitação, até poder começar as obras, às vezes o dinheiro que você disponibilizou em um ano vai sair um ano e meio, dois anos depois.

Mas esse dado da PNAD, para mim, é uma satisfação, é uma coisa prazerosa, e também um alerta de que nós ainda temos muito que andar neste país. Uma outra coisa que eu falo sempre com os meus amigos do Movimento Sindical. Eu digo sempre o seguinte: eu fui um dos bons dirigentes sindicais deste país, em um momento em que não tinha muitos, era eu e poucos, então, eu poderia ser dos melhores. E passei grande parte da minha vida, eu passei



na porta de fábrica chorando junto com os trabalhadores o desemprego deste país.

Quando a gente, de vez em quando, repara que ainda falta coisa, nós temos que lembrar que este país passou, praticamente, 20 anos parado, e as empresas mandavam trabalhadores embora todos os dias. Eu, uma vez disse ao Meneghelli, que era presidente da CUT, ao Vicentinho, que era presidente do Sindicato: o meu nome lá no Sindicato era “levanta moral”, porque era tanta greve contra o desemprego, que eu dizia “pelo amor de Deus, já estão desempregando, vocês fazem mais greve, vai ter mais desemprego”. É preciso encontrar uma outra solução.

Então, o desemprego foi, durante quase que 20 anos – vocês aí que são estudiosos de economia, façam um levantamento para saber, nesses 20 anos, qual o ano em que a gente teve saldo de emprego positivo? Não precisa analisar governo, não. Peguem ano a ano. E qual é a minha alegria? A minha alegria, são duas com o movimento social. A minha alegria é que nós saímos de uma média de oito mil empregos mensais, por oito anos, para uma média mensal de 109 mil empregos, e dá menos pelos nossos dados... Vejam como nós somos honestos com os nossos dados. O CAGED não foi criado por nós, foi criado em 1992, no governo Itamar Franco, acho que já no governo Itamar Franco. Então, nós utilizamos o CAGED. Mas o PNAD, hoje, ou melhor a PNAD, é porque eu falo o PNAD, pensando no IBGE. Não, é a PNAD, que é o instituto de... é uma pesquisa de amostragem domiciliar, ela demonstra o quê? Ela demonstra que teve três milhões e 800 mil empregos em 35 meses, um número melhor do que o número que nós estávamos trabalhando. Então, agora, como a oposição dizia que o nosso número não era verdadeiro, eu vou utilizar o número, agora, da PNAD, porque agora ninguém pode falar, porque o número é do IBGE.

Então, esse número de empregos, para mim, é uma coisa prazerosa. E a outra coisa prazerosa é que, durante muitos e muitos anos eu, que participei



de quase todas as greves que se fizeram neste país... A gente fazia greve, meu caro Ciro, e voltava a trabalhar sem ganhar absolutamente nada. Está aqui o companheiro Ricardo Berzoini, o Jaques Wagner, que militavam no Sindicato na época, se a gente voltasse a trabalhar, ganhando os dias que a gente tinha perdido na greve, já era uma vantagem, porque depois de 15 ou 20 dias de greve, fica vantajoso receber os dias.

Pois bem, este ano de 2005, 85% dos acordos salariais feitos neste país foram acima da inflação, significando um ganho real para uma parte dos trabalhadores organizados e tende a melhorar muito na medida em que a economia continuar crescendo, e pode crescer mais a cada ano. Agora, para crescer, é preciso que a gente consolide as bases do crescimento. Eu digo sempre o seguinte: olhem, nós temos divergências em muitas coisas, nós poderíamos querer um gol a mais, um gol a menos, quem está na frente da televisão fica torcendo, por que o Náutico não marcou os dois pênaltis? Não marcou porque não tinha que marcar. Não marcou porque... Era a chance.

Na política é a mesma coisa. Possivelmente um dos caras com quem eu discuta mais economia é o Ciro Gomes, conheço o pensamento dele, sei das divergências dele, mas também sei do grau de consciência dele, porque fazer política econômica é como se a gente tivesse um médico em uma sala de cirurgia, o paciente deitado para operar, e 50 do lado de fora, gritando “olha, corta aquele pedaço, tira aquele pedaço ali, corta aquela tripa”. O cidadão morreria. E sabe o Ciro Gomes, que já passou por isso, que ser ministro da Economia de um país onde todos pensam que entendem de economia, precisa ter sangue frio senão o paciente morre; precisa ter sangue frio senão cada um... Porque no Brasil é assim, de futebol, medicina e economia, todos nós pensamos que entendemos. Não fale que está doente aqui, porque aparece alguém com um comprimido para você tomar. Então, o país é isso. Agora, eu tenho consciência do que foi a evolução, tenho consciência de que nós poderemos medir os nossos números com muitos governos, tenho consciência



da consistência com que estamos fazendo, tenho consciência de que podemos ter errado aqui ou acolá, mas tenho consciência de que o conjunto da obra é melhor do em qualquer momento que nós vivemos neste país.

E eu conheço a angústia das pessoas, eu convivo, eu acho que tem pouco sindicalista que vai à porta de fábrica como eu já fui depois de presidente eleito. Já almocei, já jantei, já tomei café, ou seja, porque essa é a minha vida. Tem gente que estranha porque acha que eu deveria manter mais a liturgia do presidente, não me aproximando de ninguém, tem que fazer todos os discursos escritos, eu sei que tem essas coisas, mas eu prefiro dizer uma coisa para vocês: o exercício do mandato do presidente da República tem prazo para começar e tem prazo para terminar. De vez em quando aparece um engraçadinho querendo interromper o processo, achando que a democracia não tem que ser respeitada.

Então, veja uma coisa, o mandato tem começo, meio e fim. Agora a nossa relação de confiança não pode ter fim, porque na hora em que ela tiver fim, a gente não consegue construir aquilo que nos motivou a construir a aliança. A grande sabedoria do exercício da democracia é a convivência na adversidade, é a convivência vivendo na adversidade, com contrariedades, às vezes voltando para casa desgostoso, às vezes fazendo crítica àquele, sabe, isso não pode ser motivo de briga, isso tem que ser motivo de sabedoria para a gente saber tomar as decisões que temos que tomar.

Eu acho que o PSB tem sido um parceiro extraordinário na construção dos meus erros e na construção dos meus acertos, mais acertos do que erros. E um dos grandes acertos do PSB, junto com o PT, foi a criação da Olimpíada da Matemática. E quando nós pensamos em criar a Olimpíada da Matemática na escola pública, estava o Eduardo, na época era o Tarso Genro o ministro da Educação. Não faltaram aqueles pessimistas, porque tem gente que nasce azedo e morre azedo. Tem gente que é pessimista por natureza: não, isso não vai dar certo, porque escola pública... o pessoal está despreparado, não vai ter



motivação, não vai entrar. O que aconteceu? Se inscreveram 11 milhões e meio de crianças e participaram das olimpíadas 10 milhões e meio de crianças e o primeiro colocado é um menino aqui de Brasília, cego, quase que surdo, e tirou o primeiro lugar dando a seguinte demonstração: não tem cidadão mais capaz do que o outro, o que precisamos é garantir oportunidade para todos.

Se depender de mim, Eduardo, agora nós vamos fazer, além das olimpíadas da matemática que tem que repetir, nós vamos fazer a olimpíada do português, porque o sucesso é de tal magnitude que o segundo país do mundo em olimpíada, e que tem quase o dobro da nossa população, são os Estados Unidos, com 6 milhões. Então veja que coisa extraordinária a capacidade de participação.

E uma outra coisa para terminar aqui porque eu não vim aqui para falar isso, eu vim aqui para saudar o Eduardo, é a questão do ProUni. O ProUni, que colocou 112 mil jovens na universidade e vai colocar mais 100 agora, no ano que vem e, pela primeira vez na história deste país, só este ano Eduardo, 38 mil afrodescendentes entraram na universidade brasileira, eu não acho que haja momento na história do Brasil em que tantos negros entraram na universidade, 1200 indígenas entraram, e este ano eu espero repetir a dose. Agora nós vamos fazer um estudo, uma operação padrão para saber quantas vagas nós temos nas universidades federais, porque é inadmissível que em um Brasil que tem milhares de jovens na periferia querendo estudar, você tenha, por professor, uma média de 16 alunos, contra 32 alunos, em média, em outros países. Não é possível que a gente tenha uma carteira sobrando, e não é possível que a gente tenha um horário vazio, seja de madrugada, de noite ou ao meio-dia, porque não tem preenchimento de vaga naquela universidade.

Como eu estou convencido de que ou nós fazemos isso ou a cada ano em que a gente atrasar, o Brasil vai perder 10 anos, mandamos o projeto do Fundeb para o Congresso Nacional e, meus queridos deputados, aí está o desafio. O final do ano está chegando, o Fundeb vai colocar 4 bilhões e 300



milhões a mais para a educação. Quem vai ganhar com isso? Não apenas o ensino fundamental mas, sobretudo, a parte mais pobre do Brasil, porque vai ajudar mais o Norte e o Nordeste brasileiros, permitindo que a qualidade da educação possa avançar ainda mais.

Qual foi a belíssima surpresa que nós tivemos? E essa é uma grata surpresa. É que havia um fetiche, no Brasil, de que os alunos das escolas públicas não tinham condições de competir com os alunos das escolas privadas. Pois bem, o Eduardo deve ter acompanhado isso, o Sérgio Rezende. A coisa que nós mais ouvimos dos diretores das escolas em que o ProUni está funcionando é que os alunos que ganharam a bolsa do ProUni são mais estudiosos do que aqueles que estavam já na universidade. Talvez seja pela motivação, talvez seja pela premiação.

O dado concreto é que, em Pernambuco, com o programa ProJovem, o melhor aluno do ProJovem de Recife é um presidiário, que sai da cadeia para estudar e volta depois para a cadeia, e é considerado o melhor aluno de quase nove mil alunos que estudam, ou sete mil alunos, na capital. Bom, isso colocado... eu estou colocando isso para afirmar para vocês o quê? O que nós temos que fazer neste país é consolidar algumas coisas que possam garantir a todos a questão da oportunidade.

O Rio Grande do Norte me deu um exemplo emocionado, liguei a televisão para ver um programa, e aí eu vejo as mulheres de Caicó. Em setores médios da sociedade, para o cara que sai do serviço, vai para o bar tomar uma cerveja, nove horas da noite, oito horas, pode gastar 60, 70 reais, realmente a Bolsa Família é proselitismo, realmente é assistencialismo, não é revolucionário, porque revolucionário é gerar empregos. Obviamente que é, e eu gostaria de gerar 10 vezes mais empregos do que estamos gerando. Mas enquanto não vem o emprego, o Bolsa Família está aí, atendendo oito milhões e 700 mil famílias.

Aí vem as mulheres na televisão, 200 mulheres, não foi uma, me fizeram



um abaixo-assinado e mandaram me entregar aqui. Eu vejo uma mulher na televisão dizendo o seguinte: “olha, eu peguei”, eu não sei se ela pegou 75 reais, “comprei pintinhos na feira”, franguinhos. Para não falar só pintinho, galinhazinha, franguinha, qualquer coisa. Mas ela comprou lá. Depois ela recebeu no segundo mês, comprou mais uma porção. Aí ela se transformou em uma criadora de galinha caipira, e está vendendo ovo caipira na feira. Sabe qual foi a atitude desta mulher? Pegar o seu cartão do Bolsa Família e devolver, dizendo “eu já ganhei a minha cidadania, eu já aprendi a sobreviver. Eu não preciso mais”. E não foi uma, viu Wilma, foram 200 mulheres que me devolveram o cartão.

Queira Deus que apareça mais gente, porque o Bolsa Família não é a solução definitiva dos problemas do pobre, mas é aquela cadeira de descanso na qual ele senta para ser atendido depois, no médico, porque quem fica em pé, esperando o médico, sofre muito mais. Então, esse primeiro-socorro, tem dado uma demonstração extraordinária ao Brasil e eu acho que isso nós vamos construindo, eu sei que alguns querem mais pressa, outros querem menos, eu sou daqueles que o passo tem que ser dado do tamanho da perna.

Toda vez que alguém dá um passo maior pensando que vai ganhar, tem uma distensão e fica seis meses recolhido ali, quietinho no seu lugar, fazendo tratamento. Eu, aos 60 anos de idade, sou da paciência, podem ficar certos de que vocês não vão me ver nervoso nunca, vocês não vão me ver nervoso. De vez em quando, até, eu tenho que acalmar o Ciro e de vez em quando, (Inaudível). Eu acho que algumas pessoas neste país têm que aprender uma lição: elas precisam aprender que a democracia significa alternância de poder e, da mesma forma que um grande empresário pode ser presidente da República, respeitado pelos trabalhadores brasileiros, um trabalhador pode ser presidente da República, respeitado pelos outros segmentos da sociedade, da mesma forma um intelectual pode ser presidente da República. A democracia exige que todos nós respeitemos aquele que foi eleito, é preciso que alguém



que não seja universitário possa ser eleito presidente da República e, nesse aspecto, o Brasil é exemplar.

Se tem um país que hoje pode andar de cabeça erguida e dizer: nós exercemos a democracia em sua plenitude, não só porque elegeram um metalúrgico, mas porque o exercício da democracia é pleno. Eu duvido que algum ministro, em algum momento deste país, debateu o tanto que estes ministros meus debatem todo santo dia, toda santa hora. É conferência nacional de saúde, é conferência nacional de petróleo, é conferência nacional contra, conferência a favor, ou seja, é gente querendo que a gente recupere o que perderam no Collor, que perderam no Getúlio, que perderam no Juscelino, que perderam no Floriano Peixoto e, dentro da medida, nós vamos conversando com todo mundo, acertando com todo mundo, porque não dá para fazer tudo de uma única vez.

Meus companheiros e companheiras, eu peço desculpas pelo adiantado da hora, por falar demais, mas eu quero dizer para vocês: gostem ou não gostem, vocês serão meus cúmplices por muito tempo na história e na mudança que este país precisa.

Meus parabéns à nova direção do PSB e que tudo possa transcorrer dentro do desejo do Partido.